

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/282291588>

Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do ensino fundamental: o que aprendem e o que gostari....

Article · August 2015

CITATIONS

0

READS

978

4 authors, including:



[Mauro Betti](#)

São Paulo State University

53 PUBLICATIONS 219 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Marcos Roberto So](#)

Instituto Federal de Educacao, Ciencia e Tecn...

5 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Tatiana Zuari Ushinohama](#)

Universidade Federal Fluminense

4 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Os saberes da Educação Física nas perspectivas dos alunos do ensino fundamental (2o ciclo) e médio

[View project](#)



Ensino Médio [View project](#)

OS SABERES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: o que aprendem e o que gostariam de aprender

Mauro Betti¹
Willer Soares Maffei²
Marcos Roberto So³
Tatiana Zuardi Ushinohama⁴

Resumo

Apresenta resultados parciais de uma investigação mais ampla que busca compreender as relações que os alunos da educação básica estabelecem com os saberes propostos pela Educação Física. Especificamente, busca confrontar os depoimentos de 445 alunos do Ensino Fundamental, de escolas públicas da rede estadual de São Paulo, obtidos por meio de questionário, com relação ao que os professores ensinam e o que gostariam de aprender nas aulas de Educação Física. Os resultados indicam que o esporte é o núcleo central das aulas, embora outros conteúdos também tenham sido relatados. Apareceram divergências entre o que

os alunos gostariam de aprender e o que professor propõe ensinar. Conclui-se que a ampliação dos conteúdos tratados nas aulas de Educação Física favorece o potencial de mobilização do sujeito para a aprendizagem.

Palavras-Chave: saberes, Educação Física, alunos, ensino fundamental.

Introdução

Do ponto de vista da literatura brasileira contemporânea, parece haver um certo consenso em relação aos conteúdos que devem ser tematizados nas aulas de Educação Física, um dos frutos dos diversos projetos pedagógicos apresentados para a disciplina na década de 1990 (BETTI, 1991; COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 1994; BRACHT, 1997; dentre outros), que geraram intensos debates e tentativas de inovações didático-pedagógicas.

Essas proposições foram geradoras de pontos aglutinadores para a concepção da área. Em consequência das intensas discussões promovidas desde aquele período encontrou-se um elo capaz de reunir o conteúdo dos diversos projetos então

1 Doutor em Educação, Universidade Estadual Paulista, maurobetiunesp@gmail.com

2 Doutor em Educação, Universidade Estadual Paulista, willemaffei@fc.unesp.br

3 Mestre em Educação, Faculdades Origenes Lessa, marcosrobertoso@gmail.com

4 Mestre em Comunicação Social, Universidade Estadual Paulista, tatianazuardi@globo.com

apresentados para a Educação Física, no qual o termo *cultura* ganhou destaque, embora a partir de diferentes pontos de vista (DAOLIO, 2004).

Se esse processo gerou transformações na Educação Física brasileira, com relação à fundamentação teórica, proposições didático-metodológicas e currículos de Educação Física para os vários ciclos de escolarização da educação básica, permanece uma importante lacuna: como os alunos se relacionam e se apropriam dos saberes propostos, de como percebem e avaliam as aulas de Educação Física que vivenciam. Esta lacuna dificulta realizar inferências a respeito da qualidade pedagógica das aulas, se elas conseguem proporcionar aos alunos oportunidades para aprendizagens significativas, isto é, que tenham, de algum modo, relação com suas vidas e que contribuam para a construção de uma autonomia crítica no âmbito das manifestações da cultura corporal de movimento⁵.

Também muito se tem falado saberes profissionais docentes que configuram as práticas pedagógicas da Educação Física, mas pouco se tem considerado na pesquisa educacional o aluno como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, que constrói relações singulares com as obrigações e conhecimentos propostos pela instituição escolar.

Dessa forma, urge compreender como se dá a relação entre os alunos e os saberes da Educação Física. Para orientar pesquisas nessa direção, Betti e Ushinoma (2014) sugerem as seguintes questões: Como é despertado o interesse do aluno por determinados conteúdos? Por que o mesmo conteúdo não interessa a outros? Há aproximação ou afastamento entre alunos e professores com relação à importância de certos conteúdos/conhecimentos, e por quê? Enfim, cabe perguntar se não estaria havendo um distanciamento entre as expectativas dos alunos e os conhecimentos de que a Educação Física trata, ou tem a intenção de tratar pedagogicamente.

Portanto, partimos do pressuposto que a escola não é um local que apenas ensina, mas que principalmente propõe aos alunos aprenderem algo. Desse modo, é imprescindível considerar o aluno como agente central no processo de ensino e aprendizagem, que mobiliza e produz saberes.

Sugerem então Betti e Ushinoma (2014, p. 4) que é preciso ouvir o próprios alunos, "de modo a possibilitar uma melhor compreensão de seus pontos de vista frente à disciplina, e assim contribuir com um diagnóstico mais aprofundado e teoricamente mais elaborado dos problemas didático-pedagógicos enfrentados por essa disciplina".

Todavia, a perspectiva dos alunos com relação à Educação Física ainda é tema pouco aprofundado

5 Por "cultura corporal de movimento" entendemos, conforme Betti (2009), as formas culturais que se vêm historicamente construindo mediante o exercício sistemático e intencionado da motricidade humana – jogos, esportes, ginásticas, atividades rítmicas/danças, e lutas.

na literatura especializada, que é constituída majoritariamente de estudos descritivos-quantitativos com pouca consistência e profundidade teórico-metodológica (BETTI; USHINOHAMA, 2014).

Nesse pano de fundo, com o intuito de avançar teoricamente na compreensão deste tema, adotamos como referencial a "teoria da relação com o saber" proposta por Bernard Charlot, para quem, considera que os conhecimentos curriculares devem ser compreendidos nas relações que os sujeitos aprendentes estabelecem com o mundo, com ele mesmo e com os outros.

De modo geral, a "teoria da relação com o saber" surge como contestação ao determinismo presente nas teorias reprodutivistas, que correlacionam o sucesso/fracasso escolar com as condições socioeconômicas dos pais dos alunos. Em outras palavras, quanto melhor condição socioeconômica dos alunos, maior seria o índice de sucesso escolar. No entanto, Charlot (2000) prefere direcionar seu olhar para os casos ambíguos; por exemplo, em filhos de famílias de baixa renda obtiveram sucesso escolar, ou vice-versa.

Para tanto, o autor considera o termo "fracasso escolar" como algo polissêmico e genérico. Por isso, talvez não exista "fracasso escolar", mas sim, alunos que estão em situação de fracasso ou de êxito. Nota-se que Charlot (2000) traz o sujeito como elemento principal e ativo (o sujeito *está* em fracasso/sucesso), o qual se relaciona com saberes

construídos pela humanidade. Mas, isso não significa que a crise ou sucesso da escola é de responsabilidade do aluno e, muito menos que não exista um poder coercitivo-social que condicione o sujeito a apropriar-se de um saber em detrimento de outros; pelo contrário, nascemos e nos relacionamos em um contexto sociocultural (família, bairro, escola). Sendo assim, o grande trunfo da "teoria da relação com o saber" é a compreensão que somos, ao mesmo tempo, sujeitos sociais e singulares; trata-se, então, de uma "sociologia do sujeito".

Se somos seres sociais e singulares, aprender faz sentido por referência à história do sujeito, o que inclui: suas expectativas, referências, concepção de vida, relações com os outros, a imagem de si mesmo e para os outros. A partir disso, Charlot utiliza as noções de "mobilização", "sentido", "desejo" e "atividade" como conceitos centrais para construir as suas bases teóricas.

O conceito de *atividade* está relacionada ao conjunto de ações que objetivam uma meta, que no caso da educação, seria a aprendizagem. Aprender é um processo de interiorização de algo externo (patrimônio humano) ao sujeito, ensinar é uma ação externa (do outro) que precisa encontrar um movimento interior do sujeito. O termo "movimento interior" é o que Charlot (2000) chama de *mobilização*, isto é, pôr-se em movimento para aprendizagem de algo.

Entretanto, a mobilização pelas coisas do mundo é seletiva, ou seja, o sujeito prefere aprender determinadas coisas ao invés de outras, por dois motivos: (a) o patrimônio humano acumulado é infinito e, portanto, o sujeito é incapaz de apropriar-se de tudo, e, principalmente; (b) o sujeito só se mobiliza/apropria daquilo que lhe desperta interesse, isto é, das coisas que lhe façam *sentido*, ou seja, o sentido é fonte de mobilização entre “sujeito” e “aprender”. Por sua vez, ter *sentido* é considerar algo significativo, de valor, de *desejo*: “não há sentido senão do desejo” (BEILLEROT et al., 1966 apud CHARLOT, 2000, p. 57). E, segundo Silva (2001), “desejo” é entendido por Charlot ao modo psicanalítico: desejo de ser o desejo do outro.

A partir desses pressupostos da teoria da relação com o saber, no caso da educação, uma aula interessante é aquela que consiga estabelecer uma relação com o mundo, uma relação consigo mesmo e uma relação com o outro, que levam o aluno a *mobilizar-se* em uma *atividade*, dar *sentido* e *desejar* aprender.

Ora, já que para Charlot (2001, p. 26): “ninguém pode aprender no lugar da criança, mas que a criança só aprenderá se houver solicitações externas”, é de interesse particular da atual investigação confrontar, a partir das respostas dos alunos, o que os professores ensinam (ação externa que pode encontrar ou não um sujeito mobilizado) e o que os alunos gostariam de aprender (mobilização/interiorização das coisas que fazem sentido).

Método e resultados

Foram aplicados questionários para 455 alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental de nove escolas públicas da rede estadual da região centro-oeste do estado de São Paulo, localizadas nos seguintes municípios: Alfredo Marcondes, Bauru, Jaú, Macatuba, Penápolis, Santo Expedito e São Manuel. Os dados aqui apresentados são parte de uma investigação maior, denominada “Os saberes da Educação Física nas perspectivas dos alunos”⁶.

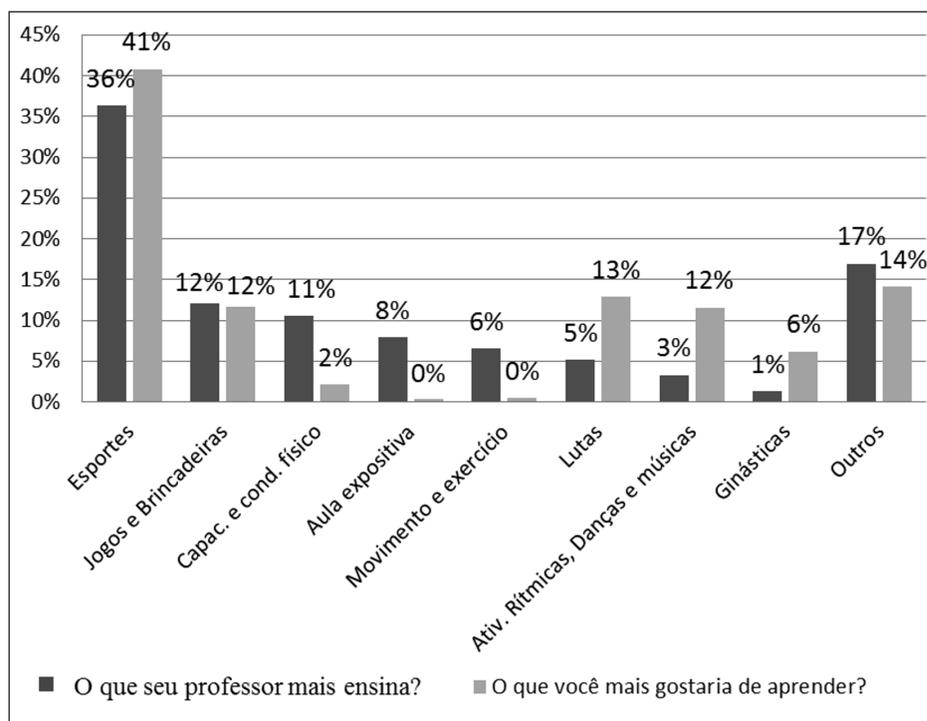
Apresentaremos aqui os resultados e interpretação de duas questões abertas, presentes no questionário utilizado na referida investigação mais ampla: (a) *O que seu professor mais ensina nas aulas de Educação Física?*; e (b) *O que você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?*

As respostas foram agrupadas em categorias e quantificadas em termos absolutos e proporcionais. Percentuais inferiores a 5% em ambas as questões foram agrupados na categoria “Outros”.

A figura 1, a seguir apresenta os resultados comparativos das duas questões, em ordem de percentuais decrescentes, exceto para a categoria “Outros”.

6 Pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Grupo de Estudos Socioculturais, Históricos e Pedagógicos da Educação Física (CNPq), vinculado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da UNESP – campus de Bauru.

Figura 1. O que o professor mais ensina e o que os alunos gostariam de aprender



Nota-se a maior presença da categoria "Esportes", tanto em relação ao que os alunos declararam ser mais ensinado nas aulas de Educação Física, como em relação ao que gostariam de aprender. No entanto, é também possível observar a presença significativa de outros conteúdos, (jogos e brincadeiras, capacidades físicas, lutas e atividades rítmicas/danças), com destaque para o fato de que, no caso de lutas, atividades rítmicas/danças/músicas e ginásticas, há uma discrepância: os alunos mais gostariam de aprender este conteúdos do que declararam tê-los efetivamente aprendido nas aulas. E, inversamente, declararam maior presença no ensino proposto do

que gostariam em relação à categoria "capacidades e condicionamento físico".

Destaca-se ainda a categoria "aula expositiva", a quarta mais citada pelos alunos com relação ao que os professores ensinam nas aulas. Palavras como "apostila", "aula teórica", "trabalho" foram relatadas pelos alunos para referenciar saberes enunciados linguisticamente. Mas não se trata do que gostariam de aprender, pois nenhuma resposta dos alunos à questão "b" foi contabilizada nesta categoria.

Os dois quadros a seguir discriminam as respostas obtidas, respectivamente, nas questões "a" e "b".

Quadro 1. Respostas à questão "O que seu professor mais ensina nas aulas de Educação Física?"

CATEGORIA	RESPOSTAS
Esportes	arremesso, atletismo, basquete, corridas de obstáculos, barreira e bastão, corridas rasas, esportes, esporte coletivo, fundamentos do esporte, futebol, futsal, handebol, jogos olímpicos/olimpiadas, saltos verticais e horizontais, vôlei
Jogos e brincadeiras	brincar/brincadeira, jogos, jogos coletivos, jogos com bola/jogos de bola, Jogos competitivos, jogos cooperativos, jogos individuais, jogo naval, jogos mais conhecidos, jogos populares, jogos pré esportivo, ping pong, queimada
Capacidades físicas e condicionamento físico	agilidade, alongamento, aquecer/aquecimento, capacidade atlética, capacidade física, condicionamento físico, flexibilidade, força, resistência, velocidade
Aula expositiva	apostila, aula teórica/teoria, caderno do aluno exercício na apostila, diferença entre jogos e esporte, história do esporte/história dos esportes antigos, textos, trabalhos extras, trabalho em equipe/trabalho em grupo
Movimento e exercício	atividades físicas, exercícios, exercícios corretos/movimentos certos, movimento, movimento na prática
Lutas	artes marciais/lutas, capoeira, judô, karatê
Danças, atividades rítmicas e música	dança, dança típica, hip hop, street dance, música, ritmo, tipos de música
Ginásticas	ginástica, ginástica artística, ginástica rítmica
Outros	<p align="center">- Estratégias e conteúdos:</p> aula livre, cada bimestre um tema, coisas novas, de tudo de tudo um pouco, diferente assuntos, muitas coisas, nada, quase nada, outras coisas - Corpo e saúde: alimentação, beleza corporal, condições do corpo/condições do corpo humano, cuidados, jeito certo de sentar, músculo, partes do corpo, postura/postura correta, saúde, vida saudável - Táticas, técnicas e regras de jogos: como jogar/jogar direito, estratégias de jogo/táticas/táticas e jogos, regras/regras de jogos, técnica de jogo - Interação social: colaboração, cooperativo, coletividade, disciplina, respeito, respeito às regras, ser legal com o colega - Habilidades: coordenação motora, habilidade - Aula com movimento corporal: atividades na quadra, prática

Quadro 2. Respostas à questão “O que você gostaria de aprender nas aulas de Educação Física?”

CATEGORIA	RESPOSTAS
Esportes	atletas brasileiros da antiguidade, atletismo, basquete, beisebol, corrida de obstáculo, ensinamento sobre esporte, esporte novo, esportes diferentes, esportes, esportes estrangeiros, outros esportes menos conhecidos no Brasil, futebol, futebol americano, futebol de areia, futevôlei, futsal, handebol, levantamento de peso, mais movimentos de esportes, maratona, natação, olimpíada, regras do futsal, regras do vôlei, regras dos esportes, tênis, tênis de mesa, vôlei, xadrez
Lutas	lutas, artes marciais, boxe, capoeira, esgrima, jiu-jitsu, judô, karatê, kung-fu, luta livre, MMA, muay-thai
Jogos e brincadeiras	bets, brincadeira, damas, esconde-esconde, jogo, jogos cooperativos, jogos de antigamente, jogos de rua, jogos diferentes, jogos livres, jogos populares, pega-pega, pinbolim, ping-pong, queima/queimada, regras dos jogos, soltar pipa
Danças, atividades rítmicas e música	cantar, dança, dança elaborada, ritmos de dança
Ginásticas	dar mortal de costas, ginástica, ginástica artística, ginástica rítmica, musculação, virar estrelinha
Capacidades físicas e condicionamento físico	alongamento, aquecimento, capacidades físicas, condicionamento físico
Movimento e exercício	exercícios, exercício para saúde
Aula expositiva	apostila
Outros	<ul style="list-style-type: none"> - “Negatividade”: nada, nenhuma brincadeira - “Positividade”: bastante coisa, de tudo/de tudo um pouco, eu já aprendi tudo, nada mais, o mesmo que estou aprendendo agora - Novidades: atividades diferentes e atuais, coisas legais, coisas novas, novidades, países diferentes - Aprendizagem de habilidades: aprender a jogar, aprender a jogar bola, na queimada não consigo jogar a bola direito, nadar, no gol - Conhecimento sobre o corpo: caminhar correto, fazer coisas correto, corpo humano, músculo e outras partes do corpo, saúde - Estratégias e conteúdos: como aprender a jogar, profundidade do conteúdo - Interação social: atividade em grupo, colaboração dos colegas na aula - Esportes radicais: BMX - Aulas com movimento corporal: aulas na quadra - Outros: corrida, líderes de torcida, não sabe, yoga

Observa-se a grande amplitude de tipos de, conteúdos aprendizagens e perspectivas sobre as aulas referidas pelas respostas dos alunos em ambas as questões, que não se restringiram ao entendimento tradicional de “conteúdo”, e incluíram aspectos relativos a sociabilidade e estratégias didáticas.

É sobretudo notável a diferença, entre as duas questões, dos conteúdos das respostas

na categoria “Esportes”. No que diz respeito ao que os professores propõem ensinar, nota-se a presença de conteúdos habituais da Educação Física, tais como os esportes coletivos com bola (basquete, futebol/futsal, voleibol e handebol); além da presença de provas do atletismo (arremessos, saltos e corridas). Já com relação aos esportes que os alunos gostariam de aprender, as modalidades habituais

apresentam-se novamente, mas em concorrência com outras modalidades não mencionados na questão anterior, como é o caso de "esportes estrangeiros", "levantamento de peso", "tênis", ou seja os alunos clamam por esportes "novos", "diferentes".

Considerações finais

A constatação de que o esporte é o núcleo central das aulas compactua com diversos estudos na área da Educação Física escolar que já afirmaram que o esporte é o conteúdo mais ensinado pelos professores (DEVIDE; RIZZUTTI, 2001; PEREIRA; MOREIRA, 2005; SCHNEIDER; BUENO, 2005; MELO; FERRAZ, 2007).

No nosso entendimento, trata-se de um círculo vicioso, como se o interesse de aprender um conteúdo fosse condicionado às experiências anteriores. E de fato o é, pois o aluno mobiliza saberes que lhe fazem sentido, que lhe dão prazer. Todavia, a mobilização, o sentido e o desejo estão em referência a um sujeito, por sua vez social e que partilha do patrimônio humano. Portanto, o que leva ao desejo de aprender de algo em detrimento de outro, é a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo, com os outros e com o mundo (CHARLOT, 2000). Quer dizer, se o professor (o "outro", neste caso) ensina habitualmente conteúdos relacionados ao esporte, o "mundo" da Educação Física apresentado ao aluno limitar-se-á ao ele. Ademais, há de

considerar a maciça presença do esporte nas mídias.

Assim, é preciso que o professor esteja atento ao fato de que há uma relação dialética entre experiência anterior e interesse/mobilização de aprendizagem. O papel da Educação Física é propor "motivos geradores de sentido" e, isso se dá na apropriação crítica de diversos elementos da cultura de movimento (BETTI, 1994), de modo que, o aluno não permaneça apenas "gerando sentido" no/ sobre o esporte.

No entanto, como houve incidência entre 1% e 12% de outros conteúdos que os alunos declararam que os professores ensinam, e entre 2 e 13% de outros conteúdos que gostariam de aprender, além do esporte, é possível inferir que alunos e professores começam a dar sentido e mobilizar-se em direção à ampliação dos vários elementos da cultura de movimento.

Como se trata de escolas estaduais de São Paulo, cuja secretaria de educação implementou um currículo base para toda a rede escolar de ensino fundamental (a partir do 6º ano) e ensino médio, podemos também cogitar a hipótese de que esta ampliação de sentido, ao menos em parte, deva-se a esta implementação, pois este currículo "oficial" propôs o jogo, esporte, atividades rítmicas, luta e ginástica como eixos de conteúdo para a Educação Física, com a expectativa de "levar o aluno, ao longo de sua escolarização e após, as melhores oportunidades de participação e usufruto

no jogo, esporte, ginástica, luta e atividades rítmicas (SÃO PAULO, 2008, p.42).

Todavia, as relações que o aluno faz com o movimento corporal abrangem um universo maior do que as aulas de Educação Física. Não podemos desconsiderar que o aluno é influenciado pelo espetáculo esportivo nas diversas mídias, que talvez pratique alguma atividade física ou esportiva em clubes ou outras instituições formais etc.

Nessa perspectiva, constatamos que muitas modalidades de esportes desejadas pelos alunos não estão presentes nos conteúdos que declararam ser ensinados em aula, e dentre estes alguns também não estão presentes no currículo "oficial" das escolas estaduais (por exemplo, futebol de areia, futvôlei, maratona, natação, tênis de mesa, xadrez) indicando o interesse pela aprendizagem de "conteúdos novos". Tal situação nos remete novamente a Charlot (2000), quando assegura que aprender faz sentido por referência à história do sujeito e às suas expectativas, quanto ao que ele estabelece com o mundo e com o outro.

Portanto, tanto para os alunos quanto para o currículo da rede estadual, espera-se a ampliação e abordagem de diversos elementos da cultura de movimento. Diante disso, resta-nos problematizar quais são os motivos que justificam a preferência dos docentes pelas modalidades habituais, como o futsal, basquetebol, vôleibol e handebol.

Os dados indicam que, em certa medida, professores e alunos tem expectativas diferentes. Dessa forma, em estudo recente, Toshioka (2015) menciona que um dos motivos alegados pelo professores para que professores não ensinem lutas nas aulas de Educação Física é a hipótese de que alunos não se sentiriam motivados com este conteúdo. Por outro lado, em estudo de caso que investigou como os alunos se relacionam com o conteúdo lutas, So (2014) concluiu que elas provocaram grande mobilização e participação dos alunos.

De fato, não é possível inferir exatamente quais são os reais motivos para a pouca presença de conteúdos como lutas e ginásticas, por exemplo, pois diversos fatores podem levar a isso, como a falta de material, espaço físico precário, formação inicial deficitária, etc. Mas, a partir dos dados analisados na atual investigação, concluímos pela necessidade de um melhor diagnóstico dos alunos, o que implica entender as relações que estabelecem com os saberes propostos pelos professores.

Outro resultado que de modo significativo demonstra essa divergência entre professores e alunos refere-se à categoria "aula expositiva" (trabalhos em sala, uso da lousa, resolução de tarefas escritas, etc), a quarta mais citada pelos alunos na questão "a" (o que os professores mais ensinam nas aulas), porém é estratégia de aula indesejada pelos alunos, já que nenhum delas a contemplou na questão "b" (o que gostariam de aprender) menos desejado pelos alunos.

Há aí uma confusão. Várias proposições teórico-metodológicas da Educação Física que surgiram na década de 1990 apontam como finalidade desta disciplina a apropriação e apreciação crítica dos elementos da cultura corporal de movimento: "formar o cidadão que vai usufruir, produzir e reproduzir as formas culturais das atividades corporais de movimento", nas palavras de Betti (1994, p.38). No entanto, tal perspectiva pode também ser criticada sob a égide do "pré-conceito" de que se quer transformar a Educação Física em discurso teórico e, conseqüentemente, desconsiderar o movimento corporal como núcleo central da Educação Física (BRACHT, 1996).

Mas não se trata disso. É preciso enfatizar que a Educação Física lida com dois saberes, segundo Bracht (1996): (a) saber do movimento (práticas corporais); (b) saber sobre o movimento (incorporação via discurso). Contudo, isso não significa que ambos devem ser tratadas de modo fragmentado ou dicotômico - por exemplo, falar em "aula teórica" *versus* "aula prática".

Nesse sentido, o desafio da Educação Física seria "relacionar organicamente o saber-movimentar e o saber-sobre esse movimentar-se" (BETTI, 1994), e neste sentido, compreender os pontos de vista dos alunos sobre a Educação Física é indispensável. Trata-se de ir além das intencionalidades pedagógicas pensadas pelo professor e dos saberes docentes considerados como fim em si mesmo,

para caminharmos em direção aos *aprenderes discentes* a eles obrigatoriamente relacionados.

Então, diante das aprendizagens apontadas e desejadas pelos alunos, entendemos que a ampliação dos conteúdos tratados nas aulas de Educação Física favorece o potencial de mobilização do sujeito para a aprendizagem, visto que, alcança uma maior condição de interiorização das "coisas que fazem sentido".

Referências

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**, São Paulo, n. 3, p.25-45, 1994.

_____. **Educação física e sociedade**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BETTI, M.; USHINOHAMA, T. Z. Os saberes da Educação Física nas perspectivas dos alunos: panorama da literatura e uma proposta de investigação a partir da 'teoria da relação com o saber'. **Revista Pulsar**. Jundiaí, v.6 n.4, p. 1-18, 2014. Disponível em <http://www.esef.br/images/stories/arquivos/pdf/revista/Artigos/Volume6_Numero04_2014/artigo11.pdf/> Acesso em: 08.04.2015.

BRACHT, V. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 2, p. 23- 28, 1996.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DEVIDE, F. P., RIZZUTTI, E. V. Transformações periféricas das representações sociais de alunos do ensino fundamental sobre a educação física escolar após intervenção pedagógica, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 3, p. 117-136, maio 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MELO, R. Z. de; FERRAZ, O. L. O novo ensino médio e a Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.2, p.86-96, abr./jun. 2007.

PEREIRA, R. S. ; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: algumas considerações.

Revista da Educação Física/ UEM, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2005.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Proposta curricular do estado de São Paulo: educação física – ensino fundamental ciclo II e ensino médio**. São Paulo: SEE, 2008.

SCHNEIDER, O.; BUENO, J. G. S. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.23-46, jan./abr 2005.

SILVA, N. da. O desejo de um ser humano é desejo do desejo do outro. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 173-204, jun. 2001.

SO, M. R. **Das relações com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física: as perspectivas dos alunos**. 2014. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

TOSHIOKA, A. S. **Ensino de lutas e educação física escolar: o caso do currículo de educação física do estado de São Paulo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.